

EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DA CASA: O HOMEM E O SEU AMBIENTE

ENVIRONMENTAL EDUCATION FROM HOME: THE MAN AND HIS ENVIRONMENT

Carmem G. Burgert Schiavon *

Fernanda Turnes Edom **

RESUMO:

O objetivo do presente estudo consiste na investigação teórica acerca das relações entre o homem e o ambiente onde vivemos, mostrando que os espaços físicos produzem estímulos capazes de influenciar ou interferir no comportamento humano. Como o homem contemporâneo vive uma era de extrema tensão econômica, psicológica e emocional, muitas vezes, não percebe que aquilo que o rodeia pode ser um intensificador, positivamente ou negativamente, de suas atitudes. A partir desta relação entre o homem e o espaço físico, mais especificamente, a nossa própria casa, objetivamos evidenciar o funcionamento do comportamento humano e as estratégias para a obtenção de uma melhor qualidade de vida. Adotando a visão e os fundamentos da Educação Ambiental, evidenciamos como é possível a aquisição de uma melhor interação entre as pessoas e os ambientes onde estas estão inseridas apenas reorganizando o seu próprio lar, amenizando desta forma o estresse e a concorrência tão presentes no dia-a-dia.

PALAVRAS-CHAVE: ambiente; comportamento; educação ambiental; qualidade de vida.

ABSTRACT:

The objective of this present work is the theoretical investigation of the relationships between man and the environment he lives in, showing that physical spaces generate stimuli capable of influencing or interfering in human behavior. Once today's man lives an era of extreme emotional, psychological and economic tension, very frequently, he fail to realize that whatever surrounds him can intensify his attitudes, positively or negatively. Starting from this relationship between man and the physical space, more specifically, our own home, we aimed to demonstrate the functioning of human behavior and strategies to achieve a better quality of life. By adopting the outlook and foundations of the Environmental Education we show how it is possible to acquire a better interaction between people and the environments they belong, simply reorganizing their own home, thus mitinganting the stress and the competition so evident in our everyday lives.

KEYWORDS: environment; behavior; environmental education; quality of life.

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Saber exatamente o que é ambiente é de fundamental importância para que possamos identificar e analisar o comportamento da sociedade. Sendo todo e qualquer lugar que rodeia os seres, o meio é diretamente ativo nesta relação homem/homem e homem/meio. Muito embora o fato de passar despercebido por muitos, o ambiente é capaz de influenciar nosso comportamento, sendo que as influências que nós humanos, percebendo ou não, sofremos a partir do espaço físico em que estamos inseridos, como a casa, o trabalho, a escola e mesmo em outros espaços, como

* Doutora em História (PUCRS) e Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI-FURG). Coordenadora do Programa de Educação Patrimonial da FURG. Contato: cgbschiavon@yahoo.com.br

** Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Especialista em Leitura e Produção Textual (IEB) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na mesma Universidade (PPGEA/FURG). Bolsista CAPES/REUNI. Contato: fernandaturnes@hotmail.com

clínicas e hospitais, por exemplo, podem ser cientificamente relacionadas e até explicadas a partir de estudos na área da educação ambiental, a qual concentrará a nossa análise, a partir de seus fundamentos e trajetória.

Atualmente, nossas rotinas são permeadas por influências diversas, desde o avanço progressivo da tecnologia a mudanças de valores, fazendo com que o indivíduo possua cada vez mais um dia-a-dia estressante, mecânico. Neste contexto, os lares constituirão o nosso foco de análise, haja vista que estes, muitas vezes, contribuem para um comportamento individual ou social negativo.

A educação ambiental busca uma relação mais saudável do homem com o meio, ou seja, do morador com sua própria residência, afinal, a partir do conhecimento de questões como as apresentadas acima, poderemos conhecer e analisar como funciona o comportamento humano, avaliar suas causas, as relações sociais contemporâneas e estas com o meio. A partir da trajetória e dos fundamentos da educação ambiental, avaliaremos o contexto atual e buscaremos alternativas para fazer melhorias no espaço físico, natural ou construído, de forma a buscar um positivo comportamento individual e social do homem diante a realidade, resultando em uma vida mais feliz e em equilíbrio, e ciente da importância do ambiente, seja ele qual for, como um agente capaz de interferir em nosso comportamento.

ASSIM CAMINHA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Já há algum tempo o homem passou a preocupar-se com a natureza, ou seja, com o seu próprio ambiente, e percebeu que suas ações não condiziam com a preservação do mesmo. De qualquer maneira, a evolução estava a caminho e exatamente partir da década de 50 e 60 do século XX, que esta se expandiu por meio dos avanços tecnológicos.

Tal preocupação com o futuro da natureza, e assim, com o próprio homem, passou a ser mais intensificado, tendo em vista que os avanços acima mencionados fizeram com que o homem mudasse a sua relação com o meio, pois sua percepção do mesmo já estaria se transformando e, conseqüentemente, a qualidade de vida das pessoas estava prejudicada. Sobre este momento, Dias esclarece os seus passos iniciais:

Em 1962 a jornalista Rachel Carson lançava seu livro *Primavera Silenciosa*, que se tornaria um clássico na história do movimento ambientalista mundial, com grande repercussão. Ela tratava da perda da qualidade de vida produzida pelo uso indiscriminado excessivo dos produtos químicos e os efeitos dessa utilização sobre os recursos ambientais. Em formato de bolso, esse livro ganhou edições sucessivas e atingiu o grande público dos países desenvolvidos, produzindo discussões e inquietações mundiais a respeito da necessidade de providências para reversão do quadro descrito. (DIAS, 1998, p.20).

De acordo com a citação de Dias (1992) notamos que a “inquietação” advinda da necessidade de alteração na relação homem/meio ambiente, a partir de 1962 tomou corpo no mundo inteiro, tornando-se o livro uma forma de alerta às populações acerca dos transtornos que o homem estaria propiciando com o mau uso dos recursos naturais. Com o passar dos anos, clubes, encontros e conferências foram realizados em razão desta causa e, próximo à década de 70, surge o termo Educação Ambiental e, com este, emerge a necessidade de proteção ao que é mais sagrado: a vida do planeta.

Mas afinal, o que é a Educação Ambiental? Muitas podem ser as respostas, entretanto, raras são as práticas efetivas. Originalmente, o que se tinha, eram conceitos totalmente voltados à preservação do planeta apresentando, de certa forma, uma visão reducionista do tema, haja vista que os termos *educação* e *ambiental* são extremamente complexos. Partimos, portanto, do pressuposto de que não é possível discutir a Educação Ambiental senão de modo ligado às relações do homem com ele mesmo (seu comportamento) e da relação do homem com o meio. Vejamos, a seguir, um conceito presente na década de 70 sobre a Educação Ambiental (EA):

Em 1970 a IUCN definiu a EA como um processo de reconhecimento de valores e esclarecimentos de conceitos que permitam o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias para entender e apreciar as inter-relações entre o homem, sua cultura e seu ambiente biofísico circunjacente (DIAS, 1998, p.25).

No momento em que analisamos este conceito em relação a outros anteriores à década de 70, percebemos a notória preocupação, agora mais complexa, do tema. Antes, a natureza constituía o principal motivo de preocupação e manifestação, sem maiores encadeamentos com todas as outras esferas que a circundavam, como a vida dos homens. À medida que o tema foi sendo debatido, houve um importante amadurecimento das idéias, como podemos perceber no conceito abaixo:

Para Mellowes (1972) a EA seria um processo no qual deveria ocorrer um desenvolvimento progressivo de um senso de preocupação com o meio ambiente, baseado em um completo e sensível entendimento das relações do homem com o ambiente a sua volta (DIAS, 1998, p.25).

Desse modo, destacamos que é neste sentido que a Educação Ambiental deve permear e semear suas sementes na busca por uma melhor qualidade de vida, além de uma vida igualitária, seguindo os passos de Loureiro (2004). Não obstante, na atualidade, as nossas ações a favor do meio ambiente continuam mínimas, se comparadas ao terreno das discussões; talvez isto se explique por ser um tema abrangente demais ou por motivos que até “Deus conheça”. O fato é que, muito além de maltratarmos e explorarmos – de forma completamente inadequada – os recursos naturais do meio do qual fazemos parte, maltratamos e exploramos a nós mesmos, haja vista que “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração” (GUATTARI, 1999).

Assim, esta nova maneira de ser e lidar com os outros representa a base das relações sociais que, por sua vez, são pouco sinceras, coerentes e acolhedoras. Na maioria das vezes encontram-se alicerçadas em conveniências, interesses materiais sendo apenas relações superficiais que, somatizadas, trazem frustração e aquele contínuo sentimento de que “estou sempre pronto para o ataque”, percebendo a vida como uma guerra. De qualquer forma, com tantas transformações na sociedade, fomos construindo e enraizando nas nossas rotinas uma nova cultura, ou seja, aquela caracterizada pelo individualismo, onde o *ter* se sobrepõe ao *ser*.

Segundo Carlos Loureiro (2004) devido às proporções que as ações do homem chegam, torna-se impossível falar em Educação Ambiental de forma singular, e desse modo, ele critica que ainda prevaleça o pensamento voltado apenas às questões ecológicas quando, na verdade, existe muitos fazeres e pensares desta educação, enfim, a ambiental, conforme ele destaca abaixo:

No quadro da ampla variedade de vertentes, tanto do pensamento ambientalista, como das próprias correntes pedagógicas da educação, existem propostas educativas voltadas à questão ambiental que se inserem num gradiente que enseja a mudança ambiental conquistada por intermédio de três possibilidades: a mudança cultural associada à estabilidade social; a mudança social associada à estabilidade cultural; e finalmente, a mudança cultural concomitante à mudança social (LOUREIRO, 2004, p.11).

Desse modo, percebemos, com base na citação acima, que não há como dissociar a questão atual da Educação Ambiental, no que se refere à cultura e à sociedade, pois são dois aspectos dinâmicos, que se movimentam, se expressam e modificam qualquer realidade; enquanto que, a nova cultura – aqui chamada de individualista – seca e estática, não implica em transformação alguma, seja de maneira estética nas relações sociais ou nas relações do homem com o meio. Sobre o sujeito histórico, aquele capaz de transformar, porém abafado por vertentes moralistas, Loureiro “(...) alerta que é preciso coerência, porque essa corrente moralista, na prática, pode estar esvaziando o terreno da ação política, por colocar na transformação do comportamento individual uma centralidade que não corresponde ao seu papel na mudança social” (LOUREIRO, 2004, p.12).

É nesse ponto que queremos focar a nossa crítica e análise, pois o comportamento individualizado vai contra a Educação Ambiental, tendo em vista que não é transformador, não cria e não evolui. Com a consciência de que as transformações sociais ocorrem num nível coletivo, e que, inversamente, criamos ao longo dos tempos uma sociedade individualista, traçamos um paralelo entre a Educação Ambiental e o comportamento social avaliando, respectivamente, a sua trajetória e os seus fundamentos juntamente com as relações da sociedade, entre si e com o meio. Com maior enfoque na *menor* sociedade existente, aquela que reside num mesmo espaço, podendo ser a família ou apenas moradores de uma mesma casa; em outras palavras, buscamos compreender como acontece essa relação dos moradores com o seu próprio ambiente.

O COMPORTAMENTO HUMANO E SUAS CAUSAS

Para que entendamos um pouco mais sobre as relações sociais entre os homens e estes com o meio, é fundamental que façamos alguns esclarecimentos sobre o comportamento humano, como ele ocorre e suas possíveis causas.

Nossa casa ou o lugar onde moramos e guardamos nossos pertences, além de nossa memória, depois de nosso corpo, é o nosso mais restrito e íntimo ambiente. Interagimos com a nossa residência e com as pessoas que ali habitam em boa parte do nosso tempo, portanto, é fundamental sabermos o quanto esta inter-relação envolvendo a pessoa e o ambiente torna-se importante, pois está ligada, diretamente, à qualidade de vida de cada indivíduo presente naquele espaço. Quanto mais tivermos a consciência daquilo que nos rodeia, mais entenderemos o porquê de certas inquietudes, depressões, ansiedades e até estresse. A partir do cuidado na relação como interpretamos aquilo ou quem nos cerca, teremos o entendimento dos espaços, bem como dos seus efeitos sobre nós.

No momento em que paramos para pensar no comportamento humano, muitos aspectos nos vêm à mente; tal fato decorre da sua extrema complexidade. Nenhum ser vivo é despidido de comportamento, desde os homens até as plantas, até mesmo minúsculos vírus possuem um comportamento específico. O que sabemos é que todo e qualquer comportamento está relacionado

com questões históricas, temporais e ambientais, tais considerações levaram Skinner a afirmar que “todos nós conhecemos milhares de fatos sobre o comportamento. Realmente, não há assunto com o qual pudéssemos estar melhor relacionados, pois estamos sempre na presença de pelo menos um organismo que se comporta” (SKINER, 1978, p.27).

O homem tem suas características comportamentais modificadas ao longo de sua evolução e isso se deve às grandes transformações culturais e ambientais, as quais, inclusive, não estão dissociadas como comentadas anteriormente. Nas transformações culturais salientamos o capitalismo crescente, no qual os bens materiais é que definem o caráter de alguém, pois, em linhas gerais:

(...) partimos do entendimento de que o modo de organização da sociedade vigente se baseia na aceleração da produção de riquezas materiais alienadas para permitir a reprodução e acumulação do capital; na apropriação privada e desigual do patrimônio natural; na transformação dos bens de uso em bens de consumo (...). (LOUREIRO, 2004, p. 48)

Desta forma, a inversão de valores implica numa corrida constante pelo *ter*, o que, conseqüentemente acelera o ritmo da sociedade. Assim, o homem vive em busca do dinheiro, do conforto, mas também de *status*; sem perceber ou, tardiamente percebendo, muda seu comportamento e a qualidade estética, sentimental e subjetiva de suas relações interpessoais e destas com o meio ambiente. Aqui podemos relacionar tal realidade com a educação, afinal, a “(...) educação que procura entender a realidade objetiva sem considerar os sujeitos e a subjetividade é objetivismo e negação da ação histórica (assim, o máximo que podemos fazer é interpretar o mundo e não o transformar)” (LOUREIRO, 2004, p 29).

92

O ambiente no qual estamos vivendo hoje está em transformação, visto que o comportamento humano encontra-se no meio de uma crise de transição; a sociedade parece não saber mais que rumo tomar. Nesta direção, saber em que consiste o comportamento parece não ser uma tarefa muito simples, tendo em vista que se trata de um processo cheio de minúcias e sutilezas específicas de cada ser e de suas percepções sobre os outros seres e, ainda, sobre o meio ambiente. Desse modo, concordamos com Skinner, no momento em que ele afirma que:

O comportamento humano é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo, desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente, e, por esta razão faz grandes exigências técnicas engenhosidade e energia do cientista (SKINER, 1978, p.27).

Pensamos incessantemente no comportamento humano e nas suas causas. Questionamos se o ambiente onde, por exemplo, um indivíduo criminoso vivia quando criança era saudável e limpo, se existia paz ao seu redor ou se ele tinha alimento para sustentar o corpo, se era espancado, abusado e se os pais não cometiam os mesmos crimes que hoje ele comete. Loureiro (2004) em suas reflexões diz que as relações sociais são muito mais complexas do que podemos supor, especialmente, quando nos deparamos com as situações de desigualdade de classes e opressão, pois vão ao encontro da idéia de educação emancipatória.

O comportamento e suas respectivas causas são tão importantes que somos analisados e analisamos a todo momento e, grande parte das vezes, fazemos sem perceber, a partir de uma comunicação, verbal ou não, pois:

Estamos sempre envolvidos em algum tipo de processo emocional, embora possamos, às vezes, disfarçar sua expressão. Podemos não expressar a emoção, mas seguramente, a estamos vivendo dentro de nossos corpos. De fato, os movimentos de nossos corpos comunicam efetivamente nossos estados internos (FIAMENGHI, 1999, p.35).

Desse modo, as causas do comportamento são infinitas. A astrologia, numerologia, genética, a religião, o partido político, a situação econômica e até mesmo a estrutura do corpo do indivíduo muitas vezes é considerada responsável pelas suas ações comportamentais. Skinner afirma que “qualquer evento conspícuo que coincida com a emissão de um comportamento humano pode bem ser tomado como causa” (SKINER, 1978, p. 35).

Segundo o próprio Skinner, as causas do comportamento podem ser internas e outras variáveis, ou seja, neurais, psíquicas e interiores conceptuais a aquelas definidas pelo meio. Ainda, de acordo com Skinner, não há dúvidas de que o ambiente tem a capacidade de interferir no comportamento humano, haja vista que “não se nega a importância, qualquer que seja a nossa filosofia do comportamento, do mundo que nos cerca. Podemos discordar quanto à natureza ou extensão do controle que o ambiente mantém sobre nós, mas que há algum controle é óbvio. O comportamento deve ser apropriado à ocasião” (SKINER, 1978, p. 132).

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS RELAÇÕES SOCIAIS DENTRO DE CASA

93

Após analisarmos a trajetória da Educação Ambiental e percebermos que o homem, querendo ou não, está em constante processo comportamental, seja por suas causas internas ou mesmo por interferência do meio; iremos agora atentar, mais especificamente, para as relações do homem com o próprio homem e com o meio. Para tanto, traçamos um paralelo desta vez com a realidade dentro de casa, afinal, muitas das questões problemáticas encontradas na sociedade, acontecem no seio da família, no interior de cada residência, entre os seus moradores, pois os agentes, passivos ou ativos da rua, são exatamente os mesmos de cada lar; em outras palavras, o homem contemporâneo com seus valores éticos, estéticos e suas subjetividades.

Sobre subjetivismo, Guattari (1999) diz que, é o homem enquanto um ser envolvido e envolvente no meio em que vive e não meramente um objeto neste meio ou pertencente do mesmo, ou seja, “é a relação da subjetividade com uma exterioridade - seja ela, social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra assim, comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva” (GUATTARI, 1999, p.08).

De acordo com essa perspectiva, tais aspectos levantados por Guattari (1999) como o empedramento dos sentimentos humanos acarretam na dificuldade em se obter qualidade nas construções dos relacionamentos sociais. Os códigos, signos e palavras ainda são os mesmos, mas a sensibilidade e os valores éticos do homem em relação ao meio, e especificamente, em relação ao próprio homem, estão fragilizados.

O que é possível avaliar é que, para a mudança coletiva acontecer, não é necessário um passe de mágica, apenas consciência, num primeiro momento individual para que, no segundo momento, possa ser geral. Sobre este ponto, Dias (1992) afirma que a questão da contribuição

individual para o início do processo de transformação social e emancipatória, tão defendida e abordada por Loureiro (2004), consiste na “fórmula” para a aquisição de melhores comportamentos e relações dentro de casa, pois, segundo ele:

De fato, as mudanças devem começar dentro de cada um de nós. Após uma revisão de nossos hábitos, tendências e necessidades, podemos, de certa forma, através da adoção de novos comportamentos, dar nossa contribuição da degradação ambiental e para a defesa e promoção da qualidade de vida (DIAS, 1998, p.248).

Neste sentido, para melhorarmos nossas relações dentro de casa, precisamos começar olhando para nós mesmos, percebendo que a nova cultura criada por nós, a do individualismo, entrou em nossas residências sem pedir licença e que muito pouco estamos fazendo para reverter este quadro.

Em função desse novo modelo de sociedade e de vida, não temos mais tempo para dedicarmos *tempo a nós mesmos e a quem amamos*. Vivemos uma vida mecânica, literalmente, “correndo atrás da máquina”, da casa e do carro, vivemos em busca de mais conhecimento, promoções, títulos. Somos a cada dia homens mais intelectualizados, realmente sabidos, mas não percebemos quando nosso companheiro ou companheira tem um problema, não notamos que os filhos deixaram de ser criança e precisam de exemplos corretos e de orientação, não sabemos sequer o maior sonho daquele que convive dia-a-dia do nosso lado, muitas vezes nem nos conhecemos direito, portanto:

O fato é que o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida (DUARTE JR, 2006, p.70)

Todas estas questões interferem diretamente nas percepções humanas e nas representações sociais. E, a partir daquilo que o homem percebe, é que poderão ser desenvolvidos seus sentidos e sentimentos. Se não existe essa percepção, por exemplo, de que grande parte das pessoas não estão felizes, e sim muitas doentes, com depressão, síndrome do pânico e de outras patologias, não há como iniciar um processo de transformação de preservação do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista que:

Estimular o processo de auto-aperfeiçoamento estético tem grande significado para o enriquecimento da vida espiritual do futuro egresso. Se nas condições da revolução científico-técnica é paradoxal conceber-se um especialista incapaz de se orientar entre os novos conhecimentos, também o é concebê-lo sem a capacidade de discernir no mundo dos valores estéticos, pois a autoridade cada vez maior da ciência e da técnica, a “invasão” da matemática em praticamente todos os confins da atividade social têm engendrado a ameaça da unilateralidade no pensamento e a “robotização” da vida espiritual, isto é, de que fórmulas lógico-formais da ciência se projetem ao mundo das emoções e sentimentos. A capacidade de auto-aperfeiçoamento (auto-educação), por tal motivo torna-se um imperativo da formação cultural integral (ESTÉVEZ, 2003, p. 99).

Destacamos que esse quadro, no qual predomina o saber científico e objetivo, encontra-se presente em nossos lares. Por mais absurdo que pareça, o ato de dialogar perdeu seu espaço dentro de casa, os moradores, de um modo geral, pouco se conhecem, pois não conversam. Um alto índice de famílias e/ou moradores não mantém a prática do diálogo e mesmo que queiram, muitas vezes, por nem se conhecerem direito, não sabem como fazer isso.

Duarte Jr (1999) diz então que os afetos e os sentimentos constituem a base para uma transformação que busca o diálogo, a conversa como um instrumento para tal, parece-nos ironia, pois atualmente tais aspectos muitas vezes são considerados “luxo” dentro de casa, haja vista que “ninguém modifica a consciência do mundo separado, pois, se assim fosse, seríamos seres biológicos como psiquismo definido em si mesmo. Seríamos nômades, cuja ação comunicativa perderia sentido – teríamos monólogos e não diálogos (LOUREIRO, 2004, p. 29). Assim, os laços afetivos estão se desgastando e, talvez por esta razão é que vejamos tantas manchetes tristes nos noticiários, as quais já se tornaram até “normais”, sendo que, antigamente, seriam surreais. Quem poderia imaginar pais jogando os próprios filhos pela janela do prédio, filhos tirando a vida – de forma cruel – de seus pais por dinheiro e assim, inúmeros casos extremamente preocupantes, os quais “definem” o perfil – individualista – de uma parte da sociedade e das relações sociais que estamos produzindo.

Com o individualismo predominante nas relações não há sensibilização, pouco pessoal quanto mais social. Na atualidade, inevitavelmente, precisamos de sensibilização, de valoração do abstrato, do subjetivo, do ser, para que tenhamos profundidade e verdade nas nossas interações. Obviamente, não basta pensarmos na questão e não agirmos; não obstante, a ação está, diretamente, ligada a uma reversão de valores atuais, os quais começam num nível inconsciente da *psique* humana, ou seja, na utilização dos sentidos pelo *sentir* e não pela sua utilização mecânica, afinal:

O sujeito não é evidente: não basta pensar para ser, como o proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência, ao passo que o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em apreender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem engancha em nada dos Territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros (GUATTARI, 1999, p.17).

Sem a prática da conversação ou da expressão de seus sentimentos e emoções, não poderemos caminhar rumo à evolução da humanidade, se o homem parece fazer questão de se desintegrar, de se afastar dos outros, de viver o individualismo. Portanto, uma maneira de reorganizar e desenvolver as relações sociais encontra respaldo no ato de conversar, talvez o primeiro passo que desencadeará mudanças em nós mesmos, no seio de nossas residências e nas nossas relações sociais estabelecidas fora do ambiente de casa.

Se nos conscientizarmos que nossa casa deve ser o melhor lugar do mundo, pois ali estão as pessoas que mais nos interessam, e o lugar é o ambiente onde nos sentirmos seguros, valorizados e amados, estaremos fortalecidos para transformar as realidades que a vida nos impõe na rua, no trabalho e dentro de nós mesmos. Afinal, como já discutimos anteriormente, o meio é capaz de interferir em nosso comportamento, desta feita, um lar harmonioso desde a sua higiene, organização espacial, mobílias, cores e bons relacionamentos interferirá positivamente nas nossas ações. Segundo Lee (1977), apesar de uma casa ser um prédio simples, deve ser o mais flexível que qualquer outro, pois ali moram diferentes pessoas com cognições e personalidades diversas.

Por tal motivo o autor afirma que por tão complexa, as imperfeições na sua edificação e na própria organização da mesma, podem acarretar em sérias consequências:

O desenvolvimento das camadas interiores da personalidade tem por berço a casa; as estruturas sociais do casamento e do parentesco aí são alimentadas. À semelhança de nossas roupas, a casa torna-se uma extensão do ser e da personalidade da família (LEE, 1977, p. 74).

Em outras palavras, o cuidado com os eventos dentro de casa, desde a sua organização física e os relacionamentos ali existentes, definirá a sua personalidade e o seu comportamento em qualquer setor da vida. Digamos que, uma residência bem organizada, aliada a moradores que conversam com a intenção de interação e conhecimento do próximo, um desenvolvimento saudável físico e psicológico dos indivíduos. E, estas mudanças, irão interferir de modo positivo na sociedade em geral, podendo assim, proporcionar a mudança social tão almejada pela Educação Ambiental e por seus estudiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, a nossa sociedade não tem espaço, nem tempo para todas as questões abstratas da natureza humana. Nosso tempo, espaço, pensamento e atitude estão voltados para o desenvolvimento dos fatores profissionais e financeiros. O capitalismo – acirrado – apoderou-se dos sentidos das pessoas, de suas percepções e de seus valores, e não parece querer devolvê-los.

96

Nesta direção, precisamos estabelecer (pôr em prática mesmo) uma transformação comportamental e assim coletiva, como busca a Educação Ambiental a partir de seus fundamentos, visando o equilíbrio entre o homem e o meio, aqui abordados – e entendidos – enquanto uma visão sócio-ambiental.

Considerando as questões acima, concluímos que se pequenas mudanças forem feitas na estrutura física e comportamental dentro das residências, a partir de um movimento singular (em um primeiro momento), chegaremos ao futuro a uma transformação da sociedade e das suas relações entre si e com o meio de modo a termos um homem mais feliz e com qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

DIAS, Genebaldo. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Global, 1998.

DUARTE JR., João Francisco. *Os sentidos dos sentidos: educação dos sentidos (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

ESTÉVEZ, Pablo René. *A educação estética: experiências da escola cubana*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

FIAMENGHI, Geraldo. *Conversas dos bebês*. São Paulo: Hucitec, 1999.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas; São Paulo: Papirus, 1999.

LEE, Terence. *Psicologia e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

LOUREIRO, Carlos. *Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

SKINER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. 4. ed., São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 1978.